

ARTES-MANUAIS PARA A REVOLUÇÃO

De dentro da vida que insiste em viver, nós, pesquisadoras em artes-manuais de tantos devires em processo, convocamos o gesto do fio e da escrita para dar voz a nossa tristeza.

Bordamos resistência! Fomos às ruas contra um governo golpista e em uníssono gritamos: “ele não”. Militamos de muitas maneiras contra a eleição do atual presidente, que a cada dia dissemina o racismo, a misoginia e a xenofobia. Uma economia nefasta, orientada sob a lógica do mercado financeiro o sustenta, articulando ações que enfraquecem a solidariedade social e coloca em risco a soberania nacional. O desmonte de nosso país é real, é triste e faz proliferar a morte a passos largos.

Sim, a morte cobriu nossas cabeças em forma de nuvem negra, vinda desde a Amazônia; em forma de jovens negros sendo mortos por uma necropolítica branca e corrupta; em forma de lama-resíduo-tóxico de mineradoras e retiradas sucessivas de direitos civis.

Essa nuvem negra, nada metafórica, não é apenas a imagem de uma floresta- gente pobre-indígena-ribeirinha-bicho pairando no ar. Somos parte dessa nuvem. E atravessadas em nossos corpos pela tensão instaurada e materializada, nos colocamos a perguntar: como é possível agir? Como fazer da impotência uma ação potente e sensível? Quais territórios podemos construir e desconstruir juntas? Como inaugurar novas práticas de um fazer-fio-corpo-coletivo?

É preciso mais uma vez, e outra vez, colocar o corpo em movimento e deixar que esses fios nos envolvam. É preciso acreditar que levados pelo vento, eles se enroscarão nos galhos das árvores que pairam sobre nós e que farão chover uma existência ética possível.

Movidas pelo desejo de transformar angústia em produção, convidamos a todas a unirmos nossos fios em uma ação coletiva, capaz de precipitar nuvem em uma grande tempestade.

Em outubro, novo grupo de estudos no Ativismo Delicado: artes-manuais para a revolução.